

## CINEMA.

## O cinema manufacturado de Antoni Pinent

Antoni Pinent passou polo CGAI corunhês em Dezembro para impartir um curso de "Cinema sem cámara", occasiom que aproveitou para mostrar umha dezena das suas películas manufacturadas, realizadas nos últimos dez anos. Ocasiom única, por outra banda, porque Pinent é um tanto remisso a projectar a sua obra, até agora só vista fragmentariamente em festivais e mesmo baixo seudónimo.

Por que esta remissom, quando os prémios à sua última película, *Film Quartet / Polyframe* (2006-2008), no festival de Lucca e na Semana de Cinema Experimental de Madrid, avalam o seu labor como cineasta? Porque até agora Pinent ainda se considerava um criador imaturo; porque esta perpétua busca da sua própria voz ou afâm de perfeiçom lhe fai montar e remontar e refazer continuamente as suas películas, nunca satisfeita co resultado. De feito, as obras que pudemos ver no CGAI non som definitivas: o próprio autor as considera como obras em curso, sempre vivas e cambiantes. (Como exemplo: a versom de *Film Quartet* premiada em Lucca difere da montaxe oferecida na Corunha).

Todas agás umha: *Gioconda / Film* (1999), que conta co privilégo de encontrar-se depositada nos selectivos Anthology Film Archives de New York, co fundados por Jonas Mekas, é umha película acabada e, devido à sua própria estrutura, non modificável. Para realizá-la, Pinent projectou umha image do quadro de Leonardo, a tamano real, sobre umha série de tiras de película virge de 35mm, que ocupariam o espaço real da pintura, para logo colar as tiras seguindo umha orde descendente e de esquerda a direita. O resul-



Antoni Pinent.

tado na pantalla é umha sucesom abstracta de cores, texturas e mesmo sons, pois ao cobrir com images o espaço reservado para a banda sonora produzese durante a projecçom um som sintético duro e repetitivo (de aí que, cum toque de humor que tamén assoma noutras obras suas, Pinent remate a fita co seguinte crédito: "image e som: Leonardo da Vinci").

O procedimento é mui similar ao de *Motion Picture (La Sortie des ouvriers de l'usine Lumière à Lyon)* (1984), do cineasta austriaco Peter Tscherkassky, quem imprime umha image da película dos Lumière citada no título sobre tiras de película de 16mm. Pinent confessa que quando fixo a sua *Gioconda* desconhecia a obra de Tscherkassky. Contodo, as diferenças son notáveis: 35 mm (que permitem um maior segmento do quadro em cada fotograma) contra 16 mm (que, pola contra, permitem umha maior duración para o mesmo espaço visual); cor contra branco e negro; umha icona da pintura contra umha icona do cinema; som contra silêncio... *Gioconda / Film* é umha versom temporal, dinámica e sonora dumha pintura estética e muda; é umha leitura sintetizada (de arriba a abaxo, de esquerda a direita); é um mi-

crofilme que serve como documento no caso da desapariçom da obra original.

A obra de Pinent flutua entre a admiraçom e imitaçom dos grandes mestres do cinema (experimental) e a vontade de ruptura com eles; avoga pola extinçom dos "velhos dinossáurios" "para deixar ás novas geraçons mais espaço de movimento, sem carregar coalousa e o deslumbramento dos seus nomes", segundo as suas próprias palavras, mas non pode evitar adicar *Música visual en vertical* (1999-2000) ao cineasta e teórico Jean Mitry ou comemorar o 50º aniversario do clássico do cinema de apropiacçom *A Movie* (Bruce Conner, 1958) com *Film Quartet / Polyframe*.

As primeiras películas de Pinent son simples, claras e singelas: *Mi primer 35mm* (1995-1997) ironiza sobre o seu próprio título, ao non ser mais que umha tira de película de 8 mm colada sobre outra transparente de 35 mm; *20 dedos* é umha compilaçom das pegadas digitais do autor, imprimidas no interior do fotograma e tingidas de cores cálidas; *Puzzle 750* (1999-2000) está construída coas siluetas que as peças dum quebra-cabeças deixam no celuloide apósp aspergi-las con pintura; e *Música visual en vertical*, >>>

que reproduz umha partitura musical colada ao longo da película, cria a sua iconografía e ritmo a partir do pentagrama e a elegante forma das notas que dançam na pantalla.

O seu cinema complica-se com *Film Quartet*, na que a sinxeleza minimalista dá passo a um elaborado trabalho de investigaçom das capacidades do fotograma: este deixa de ser a unidade mínima de articulaçom para converter-se num espaço com infinitas possibilidades de fragmentaçom e collage. Nel, o autor pega fotogramas fragmentados de películas que vam da industrial *Singing in the Rain* à experimental *Wavelength* (Michael Snow, 1967). O resultado sonoro e visual, barroco e agresivo, nom é para qualquer.●

**Alberte Pagán**